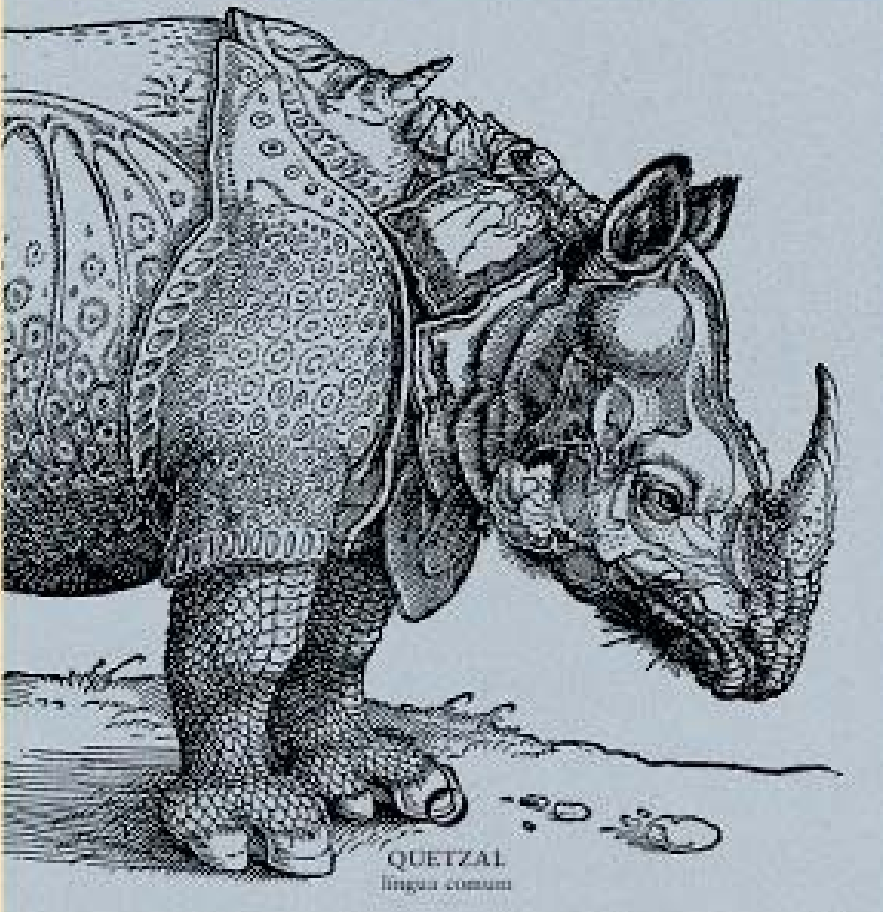


ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA  
O SÉCULO  
DOS PRODÍGIOS  
- A Ciência no Portugal da Expansão -



O Prémio D. Diniz foi-lhe atribuído pelo seu livro “O Século dos Prodígios”. Como vê mais esta distinção?

Não posso deixar de vê-la como um sinal de apreço pelo livro, mas creio que é também uma tomada de posição dos membros do júri no debate que tem ocorrido em Portugal sobre os Descobrimientos. Depois dos anos celebratórios das comemorações dos 500 anos da nossa expansão marítima, o pêndulo agora oscila para o outro lado e fixa-se na escravatura, que foi ponto esquecido pela nossa memória colectiva (na verdade, tem sido evitado). Há todavia uma faceta dos Descobrimientos que tem sido ignorada que é o da ciência e tecnologia necessárias para se levar avante um projecto daquela envergadura.

Ora, actualmente publicam-se no mundo anglo-americano mas depois traduzidos nas principais línguas de todo o mundo incluindo a portuguesa, muitos livros sobre história da ciência e tecnologia e poucos autores revelam ter consciência do que nesse domínio se passou em Portugal, que é verdadeiramente notável. O júri deve ter querido chamar a atenção para esse lado do empreendimento português que o meu livro estuda, pois nem tudo foi mau na expansão marítima.

Em causa está, como sintetizou o jor-

nal “Público”, uma “coleção de ensaios sobre a história da ciência no período da Expansão”. Esse período da história, dessa perspectiva, permanecia por explorar?

Houve historiadores portugueses que se interessaram pelo tema. No meu livro refiro-os. Dou até atenção muito especial ao trabalho do Prof. Luís Albuquerque, de quem fui amigo. Outro foi o Professor Joaquim Barradas de Carvalho. O meu contributo foi o de abordar a questão do ponto de vista das narrativas históricas da ciência, hoje totalmente dominadas pelo olhar anglo-americano, e dizer: se essas são as grandes linhas da história da ciência, falta acrescentar-lhes um capítulo importante que teve lugar em Portugal.

Nessa perspectiva, fiz algumas correcções que me parecem importantes às posições de alguns historiadores e alarguei o conhecimento das inovações ocorridas em Portugal demonstrando como várias outras figuras se inserem no novo espírito empírico que os Descobrimientos geraram. D. João de Castro, por exemplo, de quem só o holandês ReyerHooykaas fez caso, mas também Camões e Francisco Sanches. E ainda há meses fiz na terra natal de Gaspar Frutuoso uma conferência sobre o seu espírito moderno que o levou a destruir completamente os

argumentos de Platão acerca da Atlântida.

Conhecendo os Açores e tendo já noções experimentais de vulcanologia (deve ter sido o primeiro vulcanólogo do mundo), demonstrou que a Atlântida não tinha qualquer base empírica; era puro fruto da imaginação platónica.

O que o prendeu nesse tema?

Doutorei-me na Brown University em Filosofia das Ciências Sociais e, como parte do currículo, tive de fazer seminários em Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas. Interessei-me por Sociologia do Conhecimento. Porque depois comecei a leccionar seminários sobre Cultura Portuguesa, pus-me a ler tudo o que me pareceu de interesse dos nossos clássicos sobre o tema e apercebi-me cedo de que os Descobrimientos eram para nós um marco definidor da nossa identidade colectiva.

Mas li esses livros já com um olhar de fora e com o meu treino filosófico analítico. Assim, deparei-me com um confronto entre a narrativa portuguesa, que exagerava os descobrimientos e tinha uma visão muito ideológica (a minha tese foi sobre o conceito de ideologia) da cultura portuguesa e até da cultura em geral. Então passei a dedicar-me a investigar e sobre essa temática revisitando o que considero os grandes temas da nossa história cultural, todavia agora de uma perspectiva analítico-crítica.

Foi assim que surgiram os ensaios que reuni nos livros Pessoa, Portugal e o Futuro (Gradiva, 2015), A Obsessão da Portugalidade (Quetzal, 2017) e neste O Século dos Prodígios (Quetzal, 2018). O meu próximo livro, sobre os conflitos portugueses com a modernidade, agendado para o próximo ano, continua a publicação dos meus ensaios sobre esta

temática da identidade nacional.

Qual é a sua relação, hoje, com os Açores e dos Açores consigo, enquanto escritor/ensaísta/académico?

Costumo dizer que nunca saí dos Açores, apenas alarguei fronteiras. Claro que continuei a escrever sobre temática açoriana. Os últimos quatro textos que escrevi na semana passada foram todos sobre livros açorianos. Em 2012, publiquei uma 2ª edição alargada do meu livro “Açores, Açorianos, Açorianidade”, que era de 1989. Foi reeditado pelo Instituto Açoriano de Cultura. O meu mais recente sobre temática açoriana é “Mínima Azorica. O Meu Mundo É Deste Reino” (Companhia das Ilhas, 2014). Está esgotado, mas não houve quase sinal dele na comunicação social. Daí talvez a sua pergunta sobre o meu actual envolvimento na temática açoriana.

Continuei a intervir pontualmente em colóquios açorianos e até, a convite do Secretário Avelino Meneses, sou membro do Conselho Regional de Cultura (não falto às reuniões). Para não falar do mês e meio de férias que sempre aqui passo e que considero indispensáveis. Ainda este ano estive em São Miguel, Terceira, São Jorge, Pico e Faial. Mas estou apenas a tocar no meu envolvimento açoriano quase só pela rama.

Co-dirijo na Tagus Press, integrada na University of Massachusetts Press, uma colecção de traduções de livros de literatura açoriana. Os primeiros dois acabam de sair: “Mau Tempo no Canal” (Stormy Isles), de Vitorino Nemésio, traduzido pelo terceirense Professor Francisco Cota Fagundes, que o fizera a meu pedido há duas décadas, quando publiquei a sua tradução na editora Gávea-Bron. Foi por ele revista para esta segunda edição. O outro livro deste par que inaugura a colecção é uma antologia de poesia do florentino Pedro da Silveira (Poems in Absentia, & Poems from The Island and The World), traduzida pelo meu colega George Monteiro, aposentado professor de Literatura Americana na Brown University. Todos os anos sairão dois volumes.

Haveria muito mais, contudo a resposta já vai demasiado longa. Só acrescentarei um item: Co-dirijo na Sussex Academic Press, do Reino Unido, uma série sobre Culturas Lusófonas. Nela vai surgir em breve um volume comparativo sobre as literaturas açoriana e cabo-verdiana, da autoria de uma doutoranda minha na Brown, a Brianna Medeiros.

A.E./D.I.

Foto: DR

